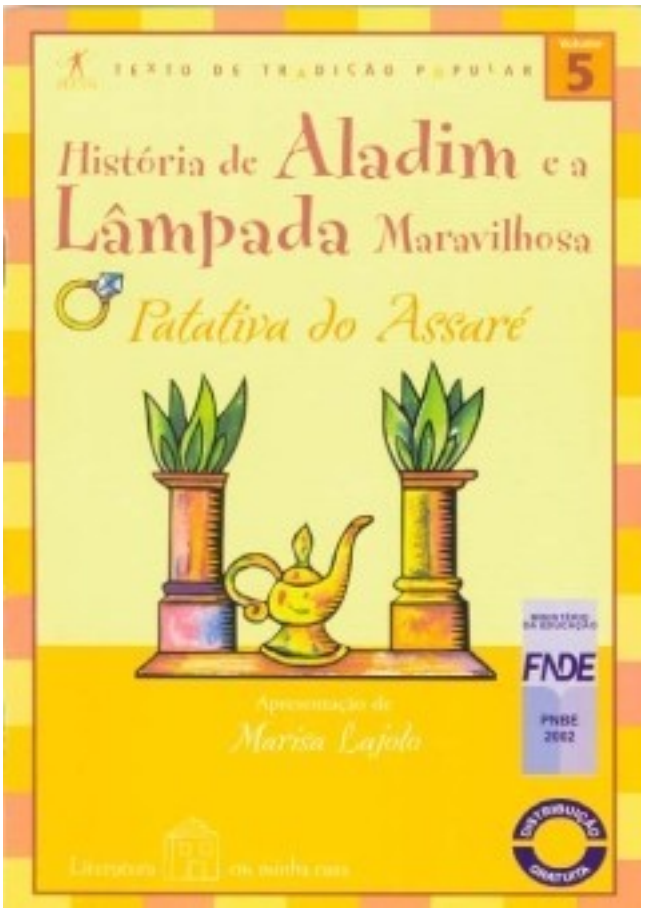

História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa

Tradição Popular

Patativa do Assaré

Você sabe o que é patativa?

É um pássaro brasileiro de canto muito bonito. E Assaré é o nome de uma cidadezinha ao sul do Ceará, onde há mais de 90 anos nasceu o menino Antonio Gonçalves da Silva. Pois este menino descobriu cedo seu gosto e talento para fazer poesia. Todos gostavam tanto de ouvi-lo declamar seus versos que começaram: chamá-lo de Patativa do Assaré — cidade onde o poeta vive até hoje.

Patativa se tornou um mestre na arte folclórica, nordestina. É para a gente ter orgulho dele e conhecer muito bem a sua obra — um exemplo da tradição popular da mais alta qualidade e profundamente brasileira.

Apresentação

Marisa Lajolo

História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, na voz de Patativa do Assaré, representa a arte folclórica, popular, nordestina. Em versos escritos na língua como o povo a fala, é obra da mais alta qualidade e profundamente brasileira. Originalmente, este livro era um folheto, pequeno, fininho, impresso em papel de jornal. Como no nordeste do Brasil os folhetos muitas vezes eram postos à venda pendurados em barbantes estendidos, as histórias que os folhetos contam chamam-se também “literatura de cordel”.

Mas folhetos ou cordéis são apenas uma dentre as várias manifestações da literatura popular. Há muitas outras também e, na poesia de origem popular, quase sempre os versos são feitos de improviso, em voz alta, para uma platéia muito atenta e interessada no que o poeta vai dizendo. Se gostar do que ouve, o público aplaude. Se não gostar, vaia.

Já pensou?

Muitas vezes acompanhada de viola, a poesia de Patativa do Assaré antes de ser recolhida em livros já corria mundo na memória dos que ouviam o poeta dizer

seus versos em feiras, em festas de igreja, em varandas de fazenda, em pousos pelo interior, em comícios e em festas de rua.

Nos “cordéis” ou “folhetos”, é possível encontrar todo tipo de história: histórias antigas e histórias modernas, histórias engraçadas e histórias trágicas, histórias verdadeiras e histórias imaginadas. As aventuras de Aladim às voltas com o gênio malvado e a lâmpada maravilhosa são inspiradas numa história antiga, que talvez você já conheça. É uma história que cada um conta de um jeito um pouquinho diferente, às vezes em prosa, às vezes em verso. É tão popular, que é encontrada em várias línguas, já virou quadrinho, desenho animado, fantasia de carnaval e até enredo de escola de samba...

A história de Aladim foi publicada pela primeira vez em “As Mil e Uma Noites”, livro no qual viajantes europeus reproduziam histórias que — diziam eles — tinham ouvido contar durante viagens pelo Oriente. Em “As Mil e Uma Noites”, além da história de Aladim, há outras conhecidas, como a de Sherazade, ou a de Simbad, o marujo. No caso de Aladim, a história foi passando de geração em geração, de um país para outro, até que, no interior do nordeste brasileiro, encontrou a voz de Patativa do Assaré, que abrasileirou-a, reescrevendo-a na forma inconfundível do folheto nordestino.

Não é sensacional um poeta nordestino apresentar — por exemplo, numa feira no interior da Paraíba, ou na praça de um bairro nordestino do Rio de Janeiro — uma história tradicional, que vem do outro lado do mundo? E contá-la mantendo elementos de sua origem oriental, como nesta história que se passa na cidade de Bagdá, hoje capital do Iraque, e na tradição da cultura popular símbolo de cidade rica do Oriente governada por um sultão? Por isso este livro é muito original. É cheio de lances diferentes e fantásticos, que fazem o leitor viajar por terras longínquas. Mas ao mesmo tempo que fala do “longe” também fala do “perto”: inclui elementos da cultura brasileira, como mangueiras e laranjeiras que, por assim dizer, abrasileiram a cena.

Contada em versos de sete sílabas, agrupados quase sempre de seis em seis e rimando sempre o segundo verso com o quarto e com o sexto, a história ganha um ritmo incrível. Fica fácil de ser lida em voz alta para um grupo de ouvintes. Aliás, a leitura oral do cordel é muito importante: numa feira ou numa quermesse o poeta lê

um trecho da história para aguçar a curiosidade do público. Quem quiser saber a continuação que compre o livro e vá ler em casa, ou peça a alguém que leia...

Ao contar, então, uma história cuja origem se perde no tempo, e ao contá-la em um formato autenticamente nordestino, Patativa está nos presenteando com uma preciosa manifestação de arte popular. Como manifestação de cultura popular, História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa tem rima e ritmo tão regulares, que ajudam a decorar o poema: é poesia para ser falada, dita, para ser declamada, para ser cantada, para ser memorizada.

Ao recontar a história do moço Aladim perseguido pelo feiticeiro africano, Patativa do Assaré inclui traços das histórias populares de todos os povos. Dentre estes traços destaca-se, por exemplo, a astúcia dos fracos e pobres para se livrarem da pobreza, e para derrotarem os poderosos. O Aladim desta história torna-se, assim, parente de outros heróis populares, nas artimanhas que trama e nas alianças que consegue fazer para realizar seus desejos.

E por falar em artimanhas: não deixe de observar que as letras que iniciam os versos das duas últimas estrofes podem ser lidas na vertical, formando um nome. Essa disposição especial das primeiras letras dos versos de uma estrofe chama-se “acróstico” e, no caso deste cordel, funciona como uma espécie de assinatura do autor. Você vai descobrir que nome elas formam, não é mesmo?

Assim, ao ler, ouvir, recitar ou cantar este belo texto de Antonio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, você está mergulhando no que há de mais rico na nossa tradição cultural: seu convívio fecundo com outras culturas que, por mais distantes e diferentes que sejam, encontram sempre lugar na nossa, como neste livro que traz o folclore e a cultura popular para sua primeira biblioteca!

História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa

Na cidade de Bagdá
quando ela antigamente
era a cidade mais rica
das terras do Oriente
deu-se um caso fabuloso
que apavorou muita gente

Nessa cidade morava
uma viúva de bem
paciente e muito pobre
não possuía um vintém
dentro da sua choupana
sem falar mal de ninguém

Vivia bem satisfeita
nessa pobreza sem fim
tendo só um filho único
com o nome de Aladim
que apesar de ser travesso
ninguém lhe achava ruim

Aquele belo garoto
tinha um leal coração
mas fugia do trabalho
buscando a vadiação
era a mãe que trabalhava
para fornecer-lhe o pão

Aladim não trabalhava

seu emprego era brincar
e a sua mãe empregada
em uma roca a fiar
atrás de ganhar o pão
para o filho sustentar

Aladim um certo dia
pensando na sua vida
achou que estava fazendo
uma existência perdida
de causar muito desgosto
à sua mamãe querida

Chegando-se a ela disse
um tanto contrariado:
mamãe, perdoe os desgostos
que eu já tenho lhe causado
garanto que hoje em diante
hei de viver empregado

Saiu em busca da praça
atrás de colocação
agradou muito à viúva
aquela resolução
deu-lhe naquele momento
a sua santa benção

Da África tinha chegado
por aquele mesmo ano
um velho misterioso
de aspecto desumano
a quem o povo chamava:

"O Feiticeiro Africano".

Era um grande necromante (1)
que de tudo conhecia
com o segredo da arte
de sua feitiçaria
viu que perto de Bagdá
um grande tesouro havia

Mediante a vara mágica

de força prodigiosa
soube ele que ali havia
uma gruta misteriosa
onde se achava escondida
uma lâmpada maravilhosa

Esta lâmpada tinha um gênio
que obedecia a ela
aparecia vexado (2)
quando se apertava nela
pronto para obedecer
a quem fosse dono dela

Porém a lâmpada da gruta
não havia quem tirasse
só se fosse uma pessoa
que o segredo ignorasse
o velho andava à procura
dum homem que o ajudasse

O feiticeiro africano

com Aladim se encontrou
dos modos do rapazinho
ele muito se agradou
aproximando-se dele
desta forma lhe falou:

Se quiser eu lhe protejo
faça o favor de me ouvir
lhe farei feliz e rico
se com gosto me servir
não sofrerá mais pobreza
durante enquanto existir

Aladim lhe respondeu:
disponha do seu criado
estarei às suas ordens
para fazer qualquer mandado
contanto que o senhor
me deixe recompensado

Inda disse o africano:
tenha confiança em mim;
foi depressa em uma loja
trouxe uma peça de brim
e de especial fazenda
trajou-se o moço Aladim

Se afastaram da cidade
cada qual mais satisfeito
até que ambos chegaram
num vale bastante estreito
foi nesse dito lugar

onde parou o sujeito

O vale era situado
entre dois morros sem fim
ali o velho parou
e olhando pra Aladim
com frases autoritárias
lhe foi ordenando assim:

Junta os raminhos secos
que naquela árvore tem
e ponha fogo nos mesmos
não temas, escuta bem
irás agora ver coisa
jamais vista por ninguém

Aladim queimando os ramos
o velho se aproximou
sua vara de condão
pelo ar ele vibrou
e ali certos perfumes
sobre o fogo derramou

O moço ficou imóvel
prestando bem atenção
quando naquele momento
ouviu-se um grande trovão
começando a terra abrir-se
na mesma ocasião

Aladim morto de medo
olhava assombradamente

o pobre que até ali
ainda estava inocente
notou que dum feiticeiro
achava-se dependente

Ali tratou de correr
deixando o seu camarada
mas de surpresa o velho
deu-lhe uma grande pancada
que o mesmo caiu por terra
sem dar sentido de nada

O feiticeiro gritou-lhe:
miserável criatura!
tu não me juraste fé?
não quebres a tua jura
tira aquela grande pedra
ali daquela abertura

Na pedra havia ligado
um anel de ferro grosso
no qual pegou com as mãos
o obediente moço
que com o menor impulso
moveu o grande colosso

Quando ele tombou a pedra
de onde ela estava encerrada
viu-se uma cova medonha
aonde tinha uma escada
Aladim daquilo tudo
não compreendia nada

O feiticeiro ordenou-lhe:
agora tens de descer
já que me juraste fé
tu tens que me obedecer:
e pegou a ensinar-lhe
como devia ser

Primeiro tu passarás
por três salas asseadas
que de preciosidades
acham-se todas ornadas

e por um belo clarão
todas três iluminadas

Passe por todas depressa
sejas correto, Aladim
e bem na terceira sala
quando chegares no fim
verás uma porta ao lado
que entra para um jardim

No centro deste jardim
encontrarás com certeza
um belo pórtico (3) de mármore
feito com muita beleza
em um nicho (4) desse pórtico
tem uma lâmpada acesa

Segura nela de leve

depois de ter apagado
derrama dela o azeite
e voltarás bem apressado
fazendo como lhe digo
serás bem recompensado

Para maior segurança
leva este anel contigo
que é de grande vantagem
pois com verdade lhe digo
ele tem o poder mágico
de afugentar o perigo

O moço no mesmo instante
botou o anel no dedo
e desceu pela escada
nada lhe causava medo
curioso por saber
aquele grande segredo

Passou por tudo depressa
como lhe fora ordenado
quando ele entrou no jardim
ficou muito admirado
olhando a grande beleza
daquele sítio encantado

A passarada cantava
tudo ali mostrava um riso,
Aladim ficou pasmado
pensando que de improviso
por um sonho havia sido

transportado ao Paraíso

Encontrou naquele sítio
toda sorte de fruteiras
o vento soprava brando
entre as esbeltas mangueiras
sussurrando mansamente
nos galhos das laranjeiras

Bem no centro do jardim
o tal nicho ele encontrou
do qual tirando a lâmpada
com cuidado a apagou
e derramando o azeite,
na algibeira (5) guardou

E saiu pelo jardim
andando mui distraído
do feiticeiro africano
estava quase esquecido
ligando pouca importância
do que tinha prometido

Das fruteiras do jardim
quando ele um fruto tirava
de repente o mesmo fruto
em vidro se transformava
mas ele não se importando
na algibeira os guardava

Quando encheu as algibeiras
de frutos que ali achou

e de mais preciosidades
que no jardim encontrou
para a porta de entrada
alegremente voltou

O velho sem paciência
olhou da boca da fenda
chamando por Aladim
gritando com voz horrenda:
anda depressa, maldito
dá-me logo essa encomenda!

Aladim não respondeu
ouviu e ficou calado
do feiticeiro africano
queria ficar vingado
devido à grande pancada
que este havia lhe dado

Tornou o velho a gritar:
dá-me a lâmpada, Aladim
o moço lhe respondeu:
mestre, não se vexe assim
descei para examinardes
as belezas do jardim

O feiticeiro africano
vendo que estava logrado
fechou a porta da gruta
raivoso desesperado
deixando o pobre Aladim
na caverna sepultado

Proferindo maldições
o velho se retirou
e naquele mesmo dia
para África embarcou.
Vamos tratar de Aladim
que na caverna ficou

O pobre Aladim ficou
em triste situação
a cova que até ali
se achava em belo clarão
tornou-se um ermo (6) esquisito
de medonha escuridão

Três dias ele passou
errando na cova escura
sem achar naquele ermo
uma pequena abertura
sofrendo com paciência
sua cruel desventura

No fim do terceiro dia
quase não podendo andar
veio-lhe naquela hora
a lembrança de rezar
ali mesmo ajoelhou-se
e começou a orar

No momento em que ele
fazia a sua oração
casualmente moveu-se

na presente ocasião
o anel que ele trazia
no dedo mínimo da mão

Em mover o dito anel
que tinha no dedo seu
de uma bela claridade
aquela gruta se encheu
e uma visão horrenda
junto dele apareceu

Essa visão era um gênio
que o anel obedecia
se movendo ele no dedo
o gênio aparecia
e tudo que se mandasse
ele depressa fazia

A visão chegou e disse:
menino, não tenhas medo
que eu sou o gênio escravo
do anel que tens no dedo
o que mandar-me que eu faça
eu te farei muito cedo

Aladim aproveitando
aquela oportunidade
disse ao gênio: sendo assim
leva-me para a cidade
à casa de minha mãe
é esta a minha vontade

Apenas o moço tinha
tais frases pronunciado
pra cidade de Bagdá
foi depressa transportado
em casa de sua mãe
chegou bastante cansado

Por causa dos sofrimentos
que na caverna passava
chegou mais morto que vivo
porque com fome se achava
pois já fazia três dias
qu'ele não se alimentava

Sua mãe bastante aflita
vendo o seu sofrimento
foi buscar a toda pressa
um pouquinho de alimento
ele saciando a fome
cobrou de novo o alento

Depois que o moço Aladim
tinha comido e bebido
adquirindo de novo
o seu esforço perdido
contou logo a sua mãe
o que tinha acontecido

A sua mãe no princípio
quase nada acreditou
mas quando os frutos de vidro
e a lâmpada ele mostrou

da sua história toda
ela nada duvidou

Aladim disse: eu agora
vou estas coisas vender
para ver se algum dinheiro
com elas posso obter
e assim mais alguns dias
teremos de que viver

Disse a velha: para isso
não acharás comprador
somente esta lâmpada velha
pode ter algum valor
vou limpá-la para dar-lhe
um preço superior

Assim que a viúva estava
esse trabalho fazendo
apareceu de repente
um gênio alto e horrendo
que com um gesto espantoso
foi desta forma dizendo:

— Eu sou o gênio da lâmpada
pois vivo sujeito a ela
disposto a obedecer
a quantos pegarem nela
o que quiseres que eu faça
farei com toda cautela

A viúva ouvindo isto

deu-lhe logo um passamento (7)
Aladim pegou na lâmpada
aproveitando o momento
para exigir do gênio
o que tinha no pensamento

Disse Aladim para o gênio:
se tu vens me obedecer
se és escravo da lâmpada
mostra-me o teu poder
trazendo-me alguma coisa
com que possa me manter

Quando o moço declarou
qual era o desejo seu
o gênio escutando tudo
uma palavra não deu
numa nuvem de fumaça
dali desapareceu

Desapareceu o gênio
depois voltou pressuroso
com uma porção de pratos
de metal mui precioso
que vinham todos compostos
de alimento saboroso

Trazia mais outros vasos
cheios de vinho excelente
antes porém que Aladim
lhe visse mais claramente
pousou tudo sobre a mesa

e fugiu rapidamente

O moço chamou a velha
com gesto amoroso e ledo (8)
dizendo: mamãe, acorda
nada aqui lhe causa medo
que foi descoberto agora
da lâmpada o grande segredo

Quando a velha despertou
sentiu medonha surpresa
Aladim lhe contou tudo
e para maior surpresa
ela viu em sua sala
a comida sobre a mesa

Dali em diante Aladim
quando uma coisa queria
apertava a sua lâmpada
e o gênio aparecia
o que o moço ordenasse
ele depressa fazia

Assim viveu alguns anos
em completa liberdade
gozando com sua mãe
perfeita felicidade
procurando fazer parte
na alta sociedade

Passando um dia em frente
do palácio do sultão

viu uma linda princesa
de uma rara perfeição
Aladim sentiu por ela
a mais ardente paixão

Tinha o nome de Clarice
esta linda criatura
olhos meigos atraentes
lábios cor de rosa pura
era o retrato de Vênus
a deusa da formosura

Quando ele chegou em casa
um pouco impressionado
contou logo a sua mãe
o que havia passado
que pela bela Clarice
achava-se apaixonado

A mãe pensou que seu filho
tinha perdido o juízo
aconselhou-o ternamente
com o mais doce sorriso
temendo aquela impressão
causar algum prejuízo

Ele então lhe respondeu:
eu não estou a brincar
quero que vá ao sultão
a fim de solicitar
a sua querida filha
para comigo casar

Leve os frutos que colhi
lá no jardim encantado
pois eles não são de vidro
como tínhamos pensado
e sim, pedras preciosas
dum valor mais sublimado (9)

Entrega ao nobre sultão
este sublime presente
ele vendo este tesouro
ficará muito contente
e assim o que desejo
obterei facilmente

Dentro de um vaso de ouro
o qual chamava atenção
a velha botou as pedras
com a maior precaução
e logo seguiu em busca
do palácio do sultão

Chegou ela no palácio
decentemente trajada
porém só no fim do dia
lhe concederam entrada
no quartel do soberano
entrou bastante acanhada

Foi até ao pé do trono
chegando ali se prostrou
e levantou-se somente

quando o sultão lhe ordenou
que com palavras severas
depressa lhe perguntou:

Aqui neste meu palácio
o que vieste buscar?
a matrona (10) respondeu-lhe:
venho vos solicitar
a vossa filha Clarice
pra com meu filho casar

O sultão ouvindo aquilo
riu-se indiferentemente
mas quando ela entregou-lhe
o magnífico presente
quase que morre de espanto
não coube em si de contente

Disse muito admirado:
agora sei com certeza
que teu filho é um senhor
duma raríssima grandeza
que possa dispor assim
de tão sublime riqueza

Volta para tua casa
vai a ele prevenir
que com gosto o casamento

eu poderei consentir
se mandar-me com urgência
o que eu vou exigir

Se por vinte escravos pretos
e vinte brancas de cor
me mandar quarenta vasos
dum esmerado primor
todos cheios de ouro e pedras
do mais sublime valor

Assim que o moço Aladim
recebeu aquele recado
agradeceu a viúva
falando com muito agrado
pelo serviço de amor
que ela havia lhe prestado

Dizia ele contente:
muito obrigado, senhora
com a princesa Clarice
eu hei de casar-me agora
o que o sultão deseja
arranjarei sem demora

Às doze horas da noite
levou a lâmpada na mão
pra uma extensa praça
de prolongada amplidão
que ficava bem na frente
do palácio do sultão

Chegando ali apertou
a lâmpada maravilhosa
quando chegou de repente

a visão misteriosa
perguntando o que queria
com sua voz estrondosa

O moço Aladim fitando
a poderosa visão
a qual nunca lhe faltava
com a sua proteção
foi logo lhe declarando
os desejos do sultão

— Quero que com muita pressa
desempenhe este mandado
quero também nesta praça
um palácio edificado
como nenhum sobre a terra
já tenha sido encontrado

Apenas o moço tinha
tais frases pronunciado
viu diante dos seus olhos
um palácio edificado
mais belo e bonito ainda
do que tinha imaginado

Ele entrou naquele prédio
com grande admiração
viu os quarenta escravos
que estavam de prontidão
com as preciosidades
exigidas do sultão

O sultão no outro dia
contemplava da janela
aquele grande edifício
de arquitetura tão bela
dizendo nunca ter visto
obra semelhante àquela

Assustou-se quando soube
que o grande personagem
dono daquele palácio
de admirável vantagem
estava se preparando
para lhe render homenagem

Mandou logo convidar
os ministros da cidade
e formou no seu palácio
grandíssima sociedade
pra receber Aladim
que vinha com brevidade

Acompanhado da velha
mais tarde ele apareceu
com o maior regozijo
o sultão os recebeu
de palmas, bravos e vivas
todo o palácio se encheu

Aladim assim que foi
no palácio introduzido
mandou logo os seus criados
que ali os tinha trazido

entregarem os presentes
que o sultão tinha exigido

Na tarde do mesmo dia
celebrou-se o casamento
no palácio do sultão
um soberbo ajuntamento
felicitava os noivos
cheio de contentamento

Casou-se o moço Aladim
com a princesa Clarice
gozando do casto amor
daquela flor de meiguice
sem pensar que a desventura
contra ele inda surgisse

Mas enquanto ele gozava
a união conjugal
o feiticeiro africano
em sua terra natal
tramava grandes maldades
a fim de fazer o mal

Este velho um certo dia
mandou seus gênios no ar
pra da morte de Aladim
melhor se certificar
saber se a lâmpada mágica
inda estava em seu lugar

Os gênios quando voltaram

disseram ao velho então
que Aladim em Bagdá
era o genro do sultão
e ocupava na cidade
uma alta posição

Disseram mais que Aladim
belo palácio habitava
ao lado de sua esposa
a quem ternamente amava
e a lâmpada maravilhosa
em seu poder se encontrava

O velho sabendo disso
muito raivoso ficou
em direção de Bagdá
com raiva se encaminhou
em traje dum ambulante
naquela cidade entrou

Certo dia em que o sultão
e Aladim foram à caça
o feiticeiro chegou
bem disfarçado na praça
com cesto de lâmpadas novas
pra fazer sua trapaça

O maldito macumbeiro
soube seu plano formar
bem na frente do palácio
começou ele a gritar:
quem é que tem lâmpada velha

para por nova trocar?

A princesa que se achava
na janela debruçada
lembrou-se de uma lâmpada
já velha inutilizada
no quarto de seu marido
onde se achava guardada

Correu às pressas buscá-la
e disse a uma criada:
leve-a ao pobre tolo
pra ser por outra trocada
que parece gostar muito
de lâmpada inutilizada

A princesa não sabia
que lâmpada era aquela
e não podia estimar
o valor que tinha ela
porque seu marido nunca
tinha lhe falado nela

A negra levou a lâmpada
ao feiticeiro entregou
ele foi logo apertando-a
ali o gênio chegou
dizendo com voz tremenda:
às tuas ordens estou

O malfazejo (11) africano
foi logo dizendo assim:

quero ver este palácio
com a mulher de Aladim
e todos os seus escravos
na África, no meu jardim

Ouviu-se um forte trovão
que a cidade estremeceu
no mesmo instante o palácio
do seu lugar se moveu
e girando pelo espaço
logo desapareceu

Quando o sultão e o genro
ambos voltaram da caça
acharam o povo todo
chorando a grande desgraça
que há poucas horas havia
se dado naquela praça

Disse o sultão a seu genro:
veja se pode arranjar
com que o palácio volte
com tudo a este lugar
ou dentro em pouquinhos dias
eu te mando degolar

E botou o pobrezinho
em uma triste enxovia (12)
onde não tinha licença
de ver o clarão do dia
mas o verdadeiro herói
com paciência sofria

O infeliz Aladim
quando se achou na prisão
veio-lhe grande desejo
de fazer uma oração
pedindo a seu Deus Alá
sua grande proteção

Quando ele estava rezando
suplicando humildemente
o anel que tinha no dedo
moveu repentinamente
ali a prisão se encheu
de um clarão resplandecente

Essa grande claridade
deu-lhe um prazer sem fim
depois veio uma visão
que foi lhe dizendo assim:
sou o escravo do anel
o que desejas de mim?

Disse Aladim: se vieste
me livrar da cruel morte
nesta tal situação
de ti exijo um transporte
no lugar onde estiver
a minha boa consorte (13)

O gênio agarrando ele
rapidamente o levou
no salão do seu palácio

na África ele se achou
a sua querida esposa
chorosamente encontrou

Disse ela: meu bom esposo
meu sofrimento é sem par
o feiticeiro africano
quer comigo se casar
oh! Se eu não consentir
ele manda me matar!

Disse Aladim: se console
vou aventurar a sorte
pois trago comigo um vaso
contendo um veneno forte
que o ente que bebê-lo
não escapará da morte

Encha com este veneno
o copo do feiticeiro
que o velho há de bebê-lo
por seu excelente cheiro
e assim veremos logo
o seu dia derradeiro

Por trás de uma cortina
oculto Aladim ficou
depois dum quarto de hora
o feiticeiro chegou
era a hora do jantar
da mesa se aproximou

Durante aquele jantar
a mulher ofereceu
o copo ao velho africano
ele com gosto bebeu
depois caiu no sofá
no mesmo instante morreu

O velho caindo morto
Aladim correu ligeiro
tirou-lhe do bolso a lâmpada
e disse mui prazenteiro:
hoje o feitiço virou
por cima do feiticeiro

Então apertando a lâmpada
viu logo o gênio surgir
e transportar o palácio
sem ele abalo sentir
em sua terra natal
foi de novo residir

Dali em diante Aladim
bem descansado viveu
depois de dois ou três anos
o velho sultão morreu
foi ele o único herdeiro
de tudo que era seu

Ele ficou sendo dono
da riqueza fabulosa
gozando da companhia

da sua esposa bondosa
sem precisar do auxílio
da Lâmpada Maravilhosa

Aquele velho africano
Na sua feitiçaria
Trabalhava com cuidado
Outro não lhe competia
Nada valeu no seu mal
Indo habitar afinal
O gelo da terra fria

Porque a negra ambição
Atrasa sem compaixão
Traz consigo a maldição
Amamentando a desgraça
Tira o dinheiro do nobre
Ilude a gana do pobre
Vê do indigente o cobre
A ambição onde passa

Glossário

1 — Mágico poderoso, com poder de invocar os mortos.
2 — Apressado.
3 — Entrada imponente, suntuosa.
4 — Cavidade na parede.
5 — Bolso.
6 — Lugar solitário.
7 — Desmaio, síncope.
8 — Risonho, alegre.

9 — Elevado.

10 — Senhora muito respeitável.

11 — Malvado.

12 — Cárcere subterrâneo.

13 — Cada um dos esposos em relação ao outro. No caso, a esposa.

Biografia do Autor

Você sabe o que quer dizer “patativa”?

É o nome de um pássaro brasileiro de canto muito bonito. E Assaré é uma cidadezinha ao sul do estado do Ceará, na chapada do Araripe. Foi nesta pequena cidade que, em 1909, nasceu o menino Antonio Gonçalves da Silva. Bem cedo ele descobriu seu gosto e seu talento para brincar com palavras e fazer poesia. Todos gostavam de ouvi-lo apresentar seus poemas, e daí veio o apelido “Patativa do Assaré”, forma carinhosa pela qual Antonio Gonçalves da Silva é hoje reconhecido como um dos grande poetas brasileiros.

Reconhecimento muito justo.

A vida de Patativa do Assaré não foi nada fácil. De família pobre, a situação ficou ainda pior quando seu pai morreu. Ele tinha, então, oito anos. Órfão, o pequeno Antonio, que tinha perdido a visão de um olho com quatro anos de idade, não teve outra saída: foi trabalhar na roça com os irmãos mais velhos e só depois é que pôde ir à escola, e assim mesmo apenas por pouco tempo.

Quando ficou mocinho, viajou com parentes para tentar a sorte em outros lugares, mas nada o fazia abandonar a poesia, que inventava e apresentava ao som da viola, tesouro precioso que ele conseguiu em troca de uma ovelha.

Com o tempo, a fama de Patativa foi se ampliando e se espalhando. Ele declamava, lia e cantava o que compunha. Seu nome e seus versos começaram a correr de boca em boca. Depois ele passou a apresentar-se também no rádio e a publicar livros. Mais tarde gravou discos. Aí já estava famoso, e seus versos começaram a ser divulgados por grandes artistas, como Luís Gonzaga, Fagner e

Sérgio Reis.

A fama, no entanto, não mudou a vida de Patativa: ele continuou vivendo no interior do Ceará com sua mulher Dona Belinha, com quem teve nove filhos. E, embora vivendo da agricultura, ele nunca deixou de cultivar a poesia. Hoje, seus poemas podem ser lidos e ouvidos nos inúmeros livros e discos que Patativa publicou e gravou, como “Inspiração Nordestina” (1956), “Cantos de Patativa” (1966), “Cante Lá que eu Canto Cá” (1978).

Patativa pode ser considerado um artista que soube realizar obra da mais alta qualidade na tradição folclórica e popular. O esforço e o talento do poeta tornam merecidíssima a bela festa que sua cidade natal lhe fez, quando ele completou noventa anos: houve música, cantoria, e inauguração de um memorial em sua homenagem.

Talvez você também queira participar das homenagens que os artistas merecem. E sabe como você pode fazer isso? Guardando no coração e na memória os versos que contam a história de Aladim, o moço pobre — como Patativa — que conseguiu enganar o mágico malvado...